

ARTE, POTÊNCIA E RESISTÊNCIA: O CORPO ENTRE MOVIMENTOS ESCOLARIZADOS E NÃO ESCOLARIZADOS

CRIZEL, Ana Paula¹

FREITAS, Francine Nara de²

RODRIGUES, Aline³

Resumo: Este artigo tem por objetivo problematizar o corpo em relação aos movimentos escolarizados e não-escolarizados junto a uma Fundação de Arte, buscando compreender as linhas e movimentos da arte empreendida nesse espaço e de que maneira ela provoca movimentos de resistência nos corpos que com ela se relacionam. Como aporte teórico-metodológico, tem-se a noção de genealogia em Michel Foucault. O material de pesquisa está composto por informações institucionais disponibilizadas pelo *site* e *blog*, visitas, participação nos encontros de formação, além de materiais didáticos criados pela instituição. Os resultados do estudo apontam que, embora uma Fundação de Arte seja um espaço não-escolar, ele também é constantemente atravessado por movimentos escolarizados, disciplinando e subjetivando os corpos, que, em um movimento de resistência, buscam estratégias de fuga e criação, potencializando-se.

Palavras-chave: Corpo. Movimentos escolarizados. Movimentos não escolarizados. Arte.

ART, POTENCY AND RESISTANCE: THE BODY BETWEEN SCHOOLED AND NON-SCHOOLED MOVEMENTS

Abstract: This paper aims to problematize the body in its relationship with schooled and non-schooled movements in an Art Foundation, in an attempt to understand the lines and movements of the art performed in that place and how it causes resistance movements in the bodies which relate to it. The notion of genealogy by Michel Foucault was adopted as a theoretical-methodological basis. The research material consists of institutional information available on the Foundation site and blog, visitations, participation in education meetings, and didactic materials designed by the institution as well. The results of the study have evidenced that, although an Art Foundation is a non-school place, it is also constantly crossed by schooled movements, thus disciplining and subjectivating bodies, which, in a resistance movement, seek for escape and creation strategies, which in turn potentialize them.

¹ Mestranda em Ensino; Centro Universitário Univates RS/BRA; ana.crizel@gmail.com

² Mestranda em Ensino; Centro Universitário Univates RS/BRA; freitasfran@yahoo.com.br

³ Mestranda em Ensino; Centro Universitário Univates RS/BRA; aliner@universo.univates.br

Keywords: Body. Schooled Movements. Non-schooled Movements. Art.

Introdução

O artigo apresenta os movimentos da pesquisa *O currículo em espaços escolarizados e não-escolarizados no Brasil e na Colômbia: diferentes relações com o aprender e o ensinar*, vinculada ao Mestrado em Ensino/Univates e ao subprojeto Espaços e Movimentos do Currículo: entre o escolar/não-escolar e o escolarizado/não-escolarizado, aprovado pelo Edital Universal MCTI/CNPq 14/2013, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM), cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq. Esta pesquisa tem o objetivo de investigar especificidades curriculares em espaços escolares e não-escolares, bem como os movimentos escolarizados e não-escolarizados e suas relações com o aprender e o ensinar.

A pesquisa articula-se com as teorizações pós-estruturalistas a partir dos autores Gilles Deleuze, Roland Barthes e Michel Foucault e opera, metodologicamente, com a noção de genealogia utilizada por Foucault em seus estudos. A investigação acontece em quatro espaços: dois espaços escolares – uma escola no Brasil e outra na Colômbia – e dois espaços não-escolares – uma ONG e uma Fundação de Arte, ambas no Brasil. A proposta deste texto é problematizar o corpo em relação aos movimentos escolarizados e não-escolarizados junto à Fundação de Arte, um dos espaços que compõem a pesquisa maior, buscando compreender linhas e movimentos da arte nesse espaço e de que maneira esta provoca movimentos de resistência nos corpos que com ela se relacionam. A aproximação do espaço deu-se a partir de visitas às exposições de arte, participação em momentos de formação, análise de informações institucionais disponibilizadas pelo *site* e *blog* da instituição, além de materiais didáticos criados pela Fundação.

Em um primeiro momento, apresentamos a Fundação, seu espaço e movimentos. Na segunda seção, estabelecemos algumas relações do espaço com os objetivos da pesquisa e os cruzamentos teórico-metodológicos adotados neste estudo e na pesquisa. Na terceira seção, tecemos a discussão sobre movimentos da arte empreendida nesse espaço, que, em meio a movimentos escolarizados e não-escolarizados, medeia a relação com o corpo que a experimenta. Por fim, buscamos, não a título de conclusão, pensar a resistência como um movimento desse corpo que é atravessado por diferentes agenciamentos ao entrar em contato com a Fundação.

Da Fundação: espaços e movimentos

O espaço ao qual fazemos referência, uma Fundação de Arte, foi criado em 1995 como uma instituição sem fins lucrativos. Em 2008, a Fundação ganhou uma nova sede, ampliando sua relação com o circuito da arte e a comunidade.

A instituição busca aproximar o público da arte, da cultura e da educação a partir de um olhar reflexivo para as produções contemporâneas por meio de programas abertos à comunidade, especialmente as escolas. Das diversas ações promovidas pelo espaço, a que nos interessa, tanto neste texto quanto na pesquisa maior, e com a qual tivemos mais aproximação é o Programa Educativo. Ele existe desde 1999 e tem como proposta pedagógica o entendimento de "arte como algo que amplia e torna mais complexa a nossa visão de mundo" (SITE OFICIAL). Seu objetivo principal é "constituir e formar o público não apenas para a própria instituição, mas fundamentalmente para a arte".

O Programa desenvolve materiais didáticos para e a partir de todas as exposições que acontecem e promove visitas mediadas e técnicas, oficinas e encontros de orientação para educadores. Essas atividades são disponibilizadas para diferentes públicos, especialmente professores e alunos de diferentes níveis de ensino. Esse trabalho é realizado por uma equipe

de mediadores oriundos de diferentes áreas do conhecimento. Conforme a Fundação, "a opção por uma equipe interdisciplinar possibilita que as ações propostas pelo Programa não se restrinjam ao universo da arte, o que tende a qualificar a experiência do público com as exposições" (SITE OFICIAL).

O material do Programa, oferecido aos professores e demais interessados ao final dos Encontros de Formação, permite com que se tenha um olhar, uma leitura sobre o que está sendo proposto, pois traz algumas sugestões de como o professor poderá trabalhar em sala de aula com as produções do artista em questão. Mesmo que não seja um ambiente escolar, o espaço da Fundação possibilita uma aproximação com o aprender e o ensinar vivenciados na escola. Para a Fundação, o Programa Educativo é a principal interface que possibilita e favorece a relação da instituição com o seu público, o que "ratifica o seu papel de agente cultural, contribuindo para a formação de cidadãos mais livres, críticos e criativos" (SITE OFICIAL).

Existem diferentes possibilidades de movimentos em um mesmo espaço, movimentos estes que nem sempre podem ser capturados pelas lentes de quem os observa, porque fogem e deixam fugir de si e do espaço. Deleuze e Parnet (1998) dizem que:

Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano... fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 49).

Independentemente do público que frequenta a Fundação, é preciso possibilitar a fuga, fazer rachar conceitos sobre a arte e permitir que incontáveis verdades sejam produzidas, além daquelas estabelecidas durante os encontros de formação e no material pedagógico desenvolvido. Esse movimento de produção de verdades circula entre as linhas em constância e não acaba em um simples ponto, indicando o final de uma frase.

Do espaço à pesquisa: cruzamentos teórico-metodológicos

A Fundação constitui-se como um espaço não-formal de educação. Para Ghon (2006, p. 28), "a educação não-formal é aquela que se aprende 'no mundo da vida', via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas", ou seja, as instituições que se organizam fora do contexto da escola e da educação mediada por diretrizes nacionais e com conteúdos prévios a serem desenvolvidos. Essa primeira e breve aproximação conceitual se faz pertinente para compreendermos como, no contexto deste estudo e da pesquisa, diferenciamos os conceitos de espaço e movimentos. A partir de discussões teóricas no grupo de pesquisa, definiu-se que os espaços – escolares e não-escolares – correspondem à estrutura física das instituições investigadas e que os movimentos – escolarizado e não-escolarizado – são como os jogos de poder e linhas de fuga existentes no interior de cada espaço. Entendemos que os movimentos escolarizados e não-escolarizados estão imbricados um no outro, convivendo ao mesmo tempo, independentemente de o espaço ser escolar ou não-escolar.

A partir da concepção teórico-metodológica adotada – a noção de genealogia em Foucault (2013) –, assumimos o afastamento da busca de uma verdade, de uma explicação que leve ao global, ao universal ou, ainda, a uma defesa em favor de um ou outro movimento. A intenção é investigar os regimes de força e poder imbricados entre os movimentos.

A genealogia compreende o conhecimento e o que se concebe como natural em um dado contexto como uma invenção que é histórica e que, por assim ser, é determinada por algumas condições sociais, econômicas e políticas de um período que, em um regime de imposição de forças e sentidos, dão condições para sua emergência. Portanto, "a genealogia vai atrás das condições dessas invenções. Em que circunstâncias criou-se determinado valor? Que forças estiveram em luta na sua criação e imposição? Por que esse valor e não outro?" (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 45).

A genealogia não vai buscar a história para encontrar a origem de algum fato, mas muito mais "mapear as ascendências (Herkunft), na forma de condições de possibilidade para a emergência (Entstehung) do que hoje é dito, pensado e feito" (VEIGA-NETO, 2003 p. 70).

Para Foucault (2013), a genealogia é

[...] o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais. Nessa atividade, que se pode chamar genealógica, não se trata, de modo algum, de opor a unidade abstrata da teoria à multiplicidade concreta dos fatos e de desclassificar o especulativo para lhe opor, em forma de cientificismo, o rigor de um conhecimento sistemático. Não é um empirismo nem um positivismo, no sentido habitual do termo, que permeiam o projeto genealógico. Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome de uma ciência ditada por alguns. As genealogias não são, portanto, retornos positivistas a uma forma de ciência mais atenta ou mais exata, mas anti-ciências. [...] Trata-se da insurreição dos saberes não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa (2013, p. 267-268).

Fazer genealogia é aproximar-se das linhas de força de determinado campo, é desemaranhar o complexo de linhas que compõem o terreno. Para Deleuze (2005, p. 2), "é necessário instalar-se sobre as próprias linhas". Portanto, é a partir desse olhar perspectivado que nos apropriamos do material empírico: entrevista gravada e posteriormente transcrita, informações institucionais disponibilizadas pelo *site* e *blog* da instituição, materiais didáticos criados pela Fundação e registro de diário de campo.

No caso deste estudo, problematizamos o corpo entre os movimentos escolarizados e não-escolarizados empreendidos em uma Fundação de Arte. Torna-se importante, conforme a perspectiva teórico-metodológica adotada, indagarmos: como e desde quando esses espaços passam a ser espaços de educação e aprendizagem? Isso porque já internalizamos, culturalmente, que a arte faz parte da vida e que deve ser explorada, vivenciada. Neste estudo, não objetivamos esgotar tal exercício, até porque ele faz composição com a pesquisa maior que está em andamento.

Dalla Zen (2011), ao problematizar o dispositivo pedagógico da arte, aponta alguns indicativos para pensarmos a problemática deste estudo. Parece óbvio, hoje em dia, que os museus e demais eventos de arte possuam setores ou departamentos educativos, mas, para a autora, essa naturalidade coloca-se como uma verdade, objetivando e subjetivando a relação entre público e arte por meio do entendimento de que a arte precisa ser apreendida, tornada acessível. Conforme Dalla Zen (2011, p. 44-45),

[...] a formalização dos programas educativos em instituições culturais foi estimulada, entre outros aspectos, pela 'necessidade' de aproximar linguagens artísticas que não eram familiares e até mesmo reconhecidas pelas pessoas. [...] uma estratégia eficaz para dar conta de um dos 'problemas' dos museus hoje: receber o 'público leigo', personagem central da democratização dos meios.

No intuito de receber o público leigo, as instituições culturais aproximam-se da pedagogia; como um saber eficaz e eficiente, esta sai da escola e passa a atuar em outros espaços, pedagogizando-os, dando-lhes uma "forma-escola" para que os saberes ali empreendidos sejam apreendidos a partir de um conjunto de normas e disciplinas. Para Noguera-Ramirez (2011, p. 229), a modernidade criou a noção da escola permanente, do aprender e ensinar para o resto da vida e da mesma maneira – a "obsessão contemporânea pela educação e a pedagogização de todos os espaços sociais".

Linhas e movimentos da arte: o corpo entre movimentos escolarizados e não-escolarizados

O espaço não-escolar aqui pensado não está totalmente isento dos condicionamentos da disciplina, pois não se pode tocar nas obras, há o tempo médio de sete horas diárias para visitação, controlamo-nos para não correr por seus corredores brancos e apaixonantes, enfim, embora tenhamos maiores possibilidades do que em um espaço escolar, ele também disciplina e subjetiva os corpos.

Quando trazemos a noção de corpo, na perspectiva teórica adotada, deixamos claro que não o compreendemos como um corpo orgânico, aquele corpo organizado da ciência, mas

sim como um corpo em potência, que sente e interage com o mundo pelo viés das sensações, um corpo que é da ordem dos afetos, que sofre alterações decorrentes dos encontros oportunizados e experienciados. Concordamos com Barbosa e Lopes (2012) quando falam que “afetar e ser afetado são disposições corporais que modificam o próprio corpo, que o fazem variar, e que podem disparar a efetuação de algum devir” (p. 179).

Naquele espaço, percebemos que os professores são convidados a pensar a Arte a partir das provocações propostas na formação. Das formações, os professores podem eger algumas obras apresentadas, fazendo um recorte do todo, para trabalhar com seus alunos. Para nós, isso se torna um tanto questionável, pois os alunos não terão o trabalho completo do artista abordado, mas um recorte, feito e escolhido mediante o olhar do professor, não permitindo um conhecimento geral das obras e, por isso, limitando o conhecimento dos alunos. Assim, seus corpos são colocados em formas, que posteriormente poderão ou não ser reproduzidas com os alunos. Percebemos esse movimento como uma captura dos corpos – disciplinamento.

Para Foucault (2013b, p.134), a disciplina “[...] dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeito restrita”. Partindo dessa compreensão, podemos dizer que o currículo escolar opera a partir dessa lógica. Embora não estejamos falando propriamente da escola, mas sim de uma Fundação de Arte, esta, ao selecionar, hierarquizar, (des)contextualizar saberes sobre a arte para serem "ensinados" em um dado tempo e espaço, acaba por produzir saberes e sujeitos – professores, alunos e uma maneira de relacionar-se com a arte.

Tecendo o corpo com os movimentos não-escolarizados e, mais especificamente, o corpo em relação a espaços ligados à arte, percebemos que, em vez de imobilidade, fixação e disciplinarização, outras possibilidades podem ser potencializadas com ele, permitindo que a

movilidade, a intensidade e a invenção ganhem força. Há forças que circulam nesse ENTRE – movimentos escolarizados e não-escolarizados, que se misturam constantemente, produzindo um corpo professor e um corpo aluno.

Ao pensarmos em um corpo que sente a arte como imanente à vida, referimo-nos a um corpo que experimenta a arte por meio das sensações e, por isso, sem roteiros, sem rotinas, sem caminhos preestabelecidos. Ao entrarmos em contato com a Fundação de Arte, percebemos que, em alguns momentos, existe, sim, um roteiro, algumas direções já definidas, algumas regras impostas que precisam ser seguidas, as quais muitas vezes “apagam” a fruição das sensações. Nessas definições, a Fundação aproxima-se dos espaços escolarizados, encarando os corpos como homogêneos, não deixando lugar para as diferenças emergirem.

A Fundação possui cruzamentos com movimentos não-escolarizados, uma vez que abarca possibilidades em que as subjetividades podem levemente aparecer, ou seja, o corpo encontra, em alguns momentos, brechas para escapar dos enquadramentos postos, alguns momentos para “respirar” em meio a movimentos que paralisam. Talvez por possuírem seus corpos já domesticados, os professores encontram limitações para movimentarem-se em espaços não-escolarizados. Encontrar brechas e ver a arte a partir de outro prisma pode ser uma restrição e algo difícil de ser pensado por eles; no entanto, é algo que merece atenção, uma vez que, agindo como questionadores das normas impostas, motivarão seus alunos a viverem suas subjetividades e a manifestá-las em seus encontros.

Algumas considerações pertinentes, mas não finais

Os professores que se permitem participar dos encontros de formação proporcionados pela Fundação tornam-se corresponsáveis pelas informações com as quais têm contato naquele espaço. Podem sentir-se aptos a trabalhar com seus alunos as temáticas, sensações e

apreciações experienciadas, ao mesmo tempo em que os instigam a se aproximarem da arte por esse mesmo viés.

Permitindo-se esse movimento, a sala de aula desse professor poderá também ser atravessada por inúmeras conexões e rizomas produzidos pelos alunos. Não existirá apenas uma maneira de ver os catálogos e dialogar sobre eles, senão uma multiplicidade de pensares, dúvidas, desejos e sensações. Mesmo que isso se dê em um espaço formal – a escola –, tudo será capturado pelo incerto, fugirá do limite de tempo estipulado e constituirá outros olhares acerca do já pensado.

Buscamos pensar o corpo enquanto potência dos sujeitos, bem como investigar a arte como imanente aos movimentos escolarizados e não-escolarizados, percebendo-a como resistência aos dispositivos normativos e formatados pelos quais a vida é frequentemente capturada. A arte pode, então, ser pensada da perspectiva da invenção, onde não há limite de possibilidades de criação, onde o corpo pinta e a voz ecoa o nunca antes dito. Arte como o fora da disciplina, como movimento, como fluidez sem limites de tempo e de espaço. Arte como potência.

Essas investigações nos dão pistas e seguem possibilitando construções e desconstruções do pensamento sobre possíveis potências e resistências do corpo nos movimentos escolarizados e não-escolarizados em relação à arte.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maicon; LOPES, Kleber Jean Matos. (2012). Desventuras de um forasteiro numa cidade que se faz corpo. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; JÚNIOR, Francisco de Oliveira Barros (Org.). *Corpografia: Multiplicidades em fusão*. Fortaleza: Edições UFC.
- CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. (2003). *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica.

DALLA ZEN, Laura H.. *O dispositivo pedagógico da arte*. 2011. 103 p. Dissertação.
(Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de
Educação, 2011.

DELEUZE, Gilles. *O que é um dispositivo?* Disponível

em: <<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2005.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire; RIBEIRO, Eloisa Araujo. (1998). *Diálogos*. São Paulo:
Escuta.

FOUCAULT, MICHEL. (2013). *Microfísica do poder*. 27. ed. São Paulo: Graal.

FOUCAULT, Michel. (2013b). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 41. ed. Petrópolis:
Vozes.

GHON, M. G. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas
colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. pol.públ. Educ.*, Rio de Janeiro, 14 (50), 27-38.

NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto. (2011). *Pedagogia e governamentalidade ou da
modernidade como sociedade educativa*. Belo Horizonte: Autêntica.